

Texto: Cupertino Freitas
Ilustrações: Rafael Limaverde

O furo na carapaça







Texto: **Cupertino Freitas**
Ilustrações: **Rafael Limaverde**

O furo na carapaça



Fortaleza • Ceará • 2022

Copyright © 2022 **Cupertino Freitas**

Copyright © 2022 **Rafael Limaverde**

Governador

Elmano de Freitas da Costa

Vice-Governadora

Jade Afonso Romero

Secretária da Educação

Eliana Nunes Estrela

Secretária Executiva de Cooperação com os Municípios

Emanuelle Grace Kelly Santos de Oliveira

Coordenadora de Cooperação com os Municípios para Desenvolvimento da Aprendizagem na Idade Certa - COPEM

Cristiane Cunha Nóbrega

Articuladora de Cooperação com os Municípios para Desenvolvimento da Aprendizagem na Idade Certa - COPEM

Arinda Cibelle Galvão Lobo

Orientador da Célula de Fortalecimento da Alfabetização e Ensino Fundamental - CEFAE

Cristiano Rodrigues Rabelo

Eixo de Literatura e Formação do Leitor

Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda

Sammya Santos Araújo

Antônio Elder Monteiro de Sales

**Coordenação Editorial,
Preparação de Originais e Revisão**

Kelsen Bravos

Revisão Textual

Sara Colares

Coordenação Gráfica

Daniel Dias

Design Editorial / Capas

Jozias Rodrigues

Marisa Marques

Catálogo e Normalização

Centro de Documentação e Informações

Educacionais - SEDUC / CDIE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F862f Freitas, Cupertino

O furo na carapaça / Cupertino Freitas; ilustrações Rafael Limaverde.
- Fortaleza: SEDUC, 2022.

52p.; il.

ISBN 978-85-8171-374-8

1. Literatura infantojuvenil. 2. Conto. I. Freitas, Cupertino. II. Limaverde, Rafael. III. Título.

CDD: 028.5



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

SEDUC - Secretaria da Educação do Estado do Ceará

Av. Gen. Afonso Albuquerque Lima, s/n - Cambéba - Fortaleza - Ceará | CEP: 60.822-325

(Todos os Direitos Reservados / Proibida a comercialização)

À tia Salete, minha segunda mãe.





Sumário

NOITE DE DESOVA	7
A PALESTRA.....	11
O PRESENTE	17
O ANIVERSÁRIO DE JÂNIO	21
AURORA ENCANTADA.....	29
IDA AO MANGUE.....	33
PASSEIO DE TRINEIRA.....	39
TURISTAS DESCUIDADOS.....	43
A DESCOBERTA DA PLENITUDE.....	49





NOITE DE DESOVA

O pessoal do projeto e a comunidade de pescadores se revezavam na vigília, já que a abertura dos ninhos se daria a qualquer momento. Estela estava em casa quando bateram à porta.

— Dona Estela, sou eu, Tobias. Seu Basílio mandou avisar que os ovos começaram a eclodir.

— Que maravilha!

Estela trocou de roupa e foi com Tobias ajudar Basílio, seu marido, a encaminhar para o mar as pequeninas que não conseguiam vencer a barreira de areia sozinhas.

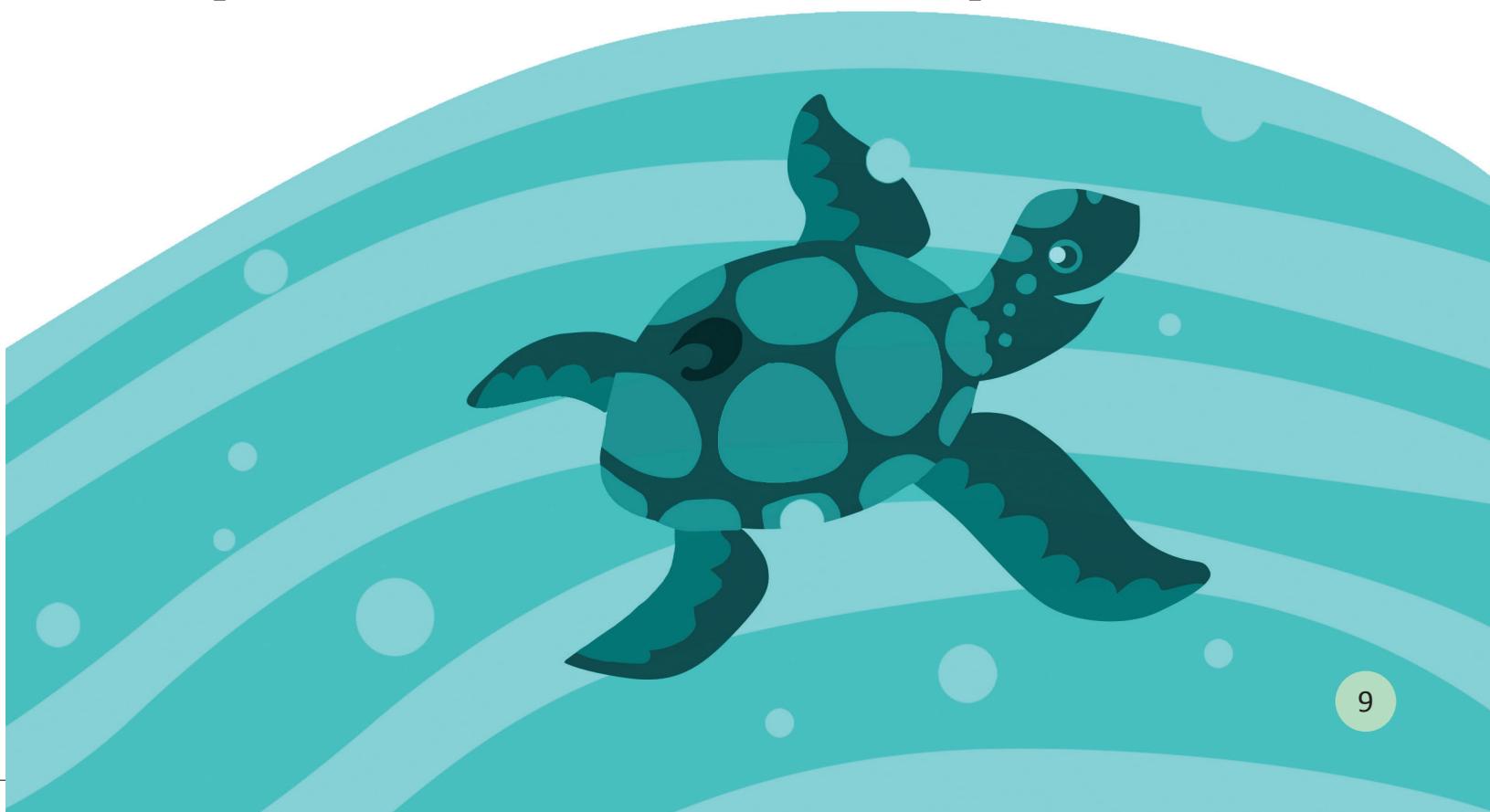
Passava das duas horas da madrugada quando a última tartaruguinha a quebrar a casca desapareceu nas águas. Era a menor de todas e tinha um pequeno furo na carapaça. Estela, Basílio e Tobias a acompanharam em sua batalha. Persistente, ela conseguiu vencer o primeiro obstáculo: entrar no mar. Ao ver a pequerrucha vencer as primeiras ondas, Estela abraçou o marido e chorou de emoção: aquele era o coroamento de mais uma temporada de esforço dos dois e de seus colaboradores no projeto de conservação de tartarugas marinhas na Praia das Velhas. Para a felicidade do casal ser completa, faltava apenas se tornarem pais de uma criança. Estela e Basílio esperavam ansiosamente por isso.



No caminho para casa, Estela lembrou a Basílio da consulta médica do dia seguinte pela manhã. Basílio sugeriu que partissem de imediato, Estela ponderou que ambos estavam cansados.

— Não se preocupe, estou em plenas condições de dirigir — argumentou Basílio.

Em meia hora, o casal estava no seu *buggy* atravessando a Praia Amarela, a quarenta quilômetros da Praia das Velhas, em direção à capital. De repente, Estela adormeceu. Basílio também foi tomado por um sono incontrolável e parou o veículo ali mesmo, no breu da praia deserta.

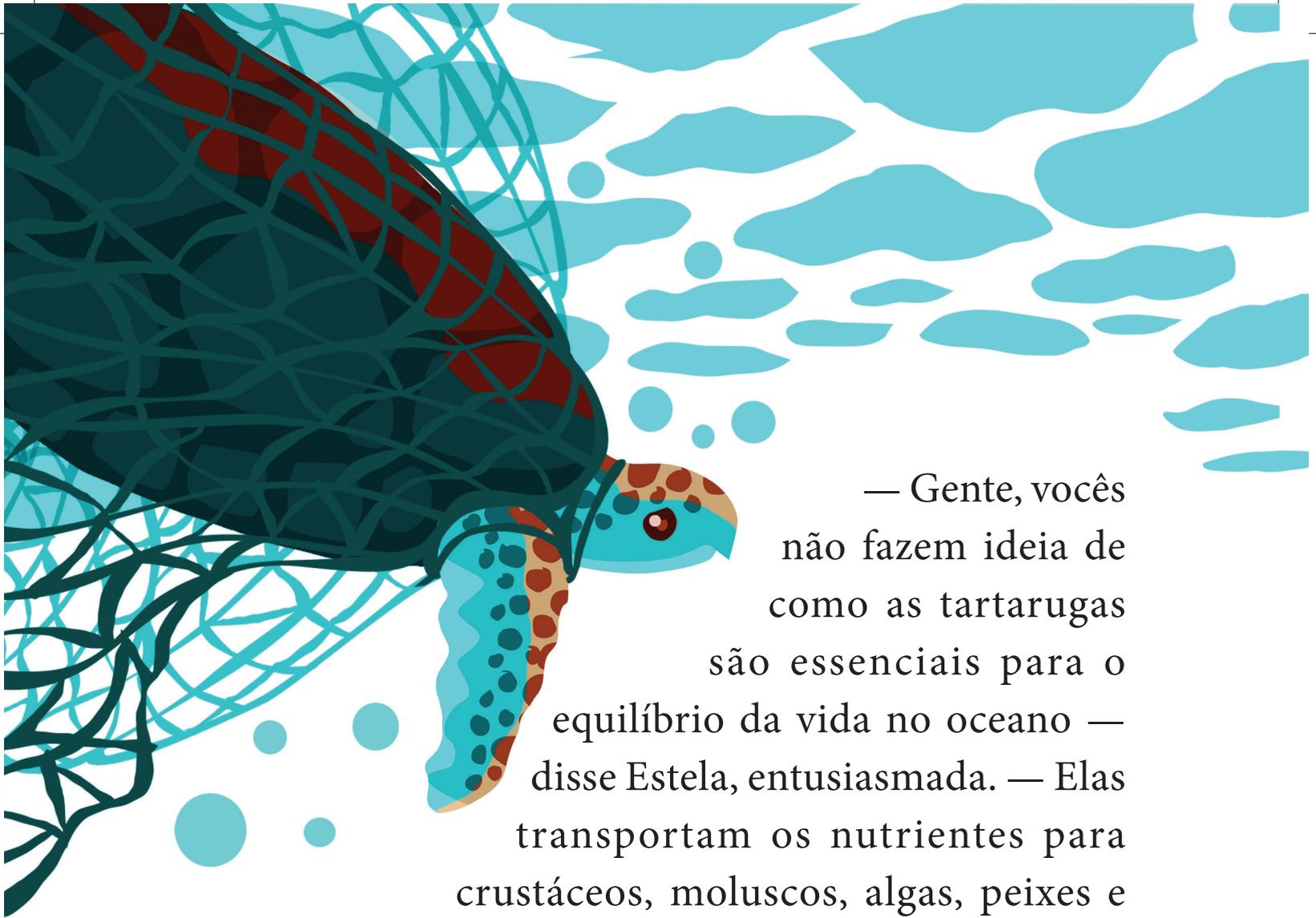




A PALESTRA

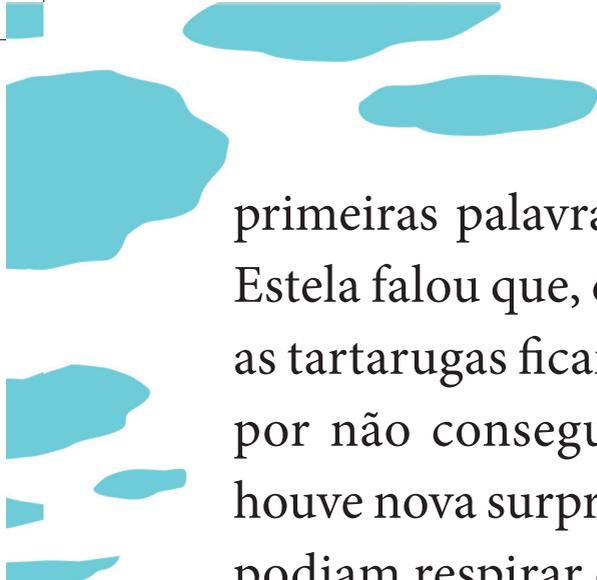
Amaro estava na primeira fila, quietinho, como sua mãe pediu. O auditório estava lotado de meninos e meninas mais velhos. No palco, Estela, sua mãe, dava uma palestra para os alunos do Colégio Dom Rafael sobre um assunto que, apesar de ainda não ter nove anos, ele conhecia bem: preservação de tartarugas marinhas. Amaro sabia que as tartarugas já eram ameaçadas antes mesmo de saírem da casca, pois os ninhos eram pisoteados ou atacados. Aquelas que chegavam ao mar ainda podiam acabar na boca de um predador.





— Gente, vocês não fazem ideia de como as tartarugas são essenciais para o equilíbrio da vida no oceano — disse Estela, entusiasmada. — Elas transportam os nutrientes para crustáceos, moluscos, algas, peixes e corais. Infelizmente, nós, os humanos, temos agido de maneira irresponsável e impactado a sobrevivência desses seres tão especiais. Todas as sete espécies de tartarugas marinhas estão ameaçadas de extinção.

Alguns ouvintes ficaram surpresos, mas não Amaro, já que desde bebê os pais o levavam para o projeto de preservação na Praia das Velhas. “Uga” foi umas das



primeiras palavras que o menino pronunciou. Quando Estela falou que, devido à captura acidental, muitas vezes as tartarugas ficam presas aos anzóis e às redes e morrem por não conseguirem subir à superfície para respirar, houve nova surpresa. A maioria da plateia achava que elas podiam respirar debaixo d'água, como os peixes. Amaro aprendeu aos cinco anos que as tartarugas podiam ficar um bom tempo submersas, mas vinham à tona inspirar oxigênio para o próximo mergulho.

— Além da pesca – continuou Estela –, outra ameaça é a luz artificial das cidades e vilas à beira-mar, pois as tartaruguinhas ficam confusas quando saem da casca.



Ao invés de irem para a água, vão na direção oposta. Atualmente, pessoal, temos uma ameaça ainda maior: o lixo. As tartarugas ingerem sacolas e objetos de plástico jogados no mar e morrem estranguladas ou envenenadas.

Estela mostrou um vídeo em que um canudo de plástico é retirado do nariz de uma tartaruga; o vídeo já havia circulado muito na internet, mas, ainda assim, os estudantes ficaram tocados. Amaro ficava com um nó na garganta sempre que via a cena e afirmava que queria seguir os passos dos pais quando crescesse. Estela dizia que ele iria ajudar muito, mas de uma maneira diferente. Qual maneira seria essa, ele saberia no dia do seu aniversário de dez anos.

O vídeo sombrio terminou e uma menina, no fundo da plateia, levantou a mão.

— Professora, o que podemos fazer para que essas cenas não aconteçam mais?

— No mínimo, o que todo mundo pode fazer é não deixar lixo na areia da praia, já que vai parar no mar. Vou falar mais sobre isso daqui a pouco, está bem? Antes vou contar algumas curiosidades sobre as tartarugas marinhas.

As falas de Estela eram assim: ela mostrava a situação atual, alarmante, depois falava de curiosidades, criava uma atmosfera de engajamento e, por fim, apresentava soluções para a preservação e para o cuidado com a reprodução desses animais.

— Talvez vocês não saibam, mas as tartarugas marinhas nem sempre viveram no mar. — Isso Amaro já sabia, e a mãe olhou para ele quando falou, pois fazia alguns meses que havia lhe contado essa história. — Elas passaram a viver no mar há milhões de anos, sofreram adaptações na carapaça, as patas viraram nadadeiras. Ficam no mar a maior parte do tempo, mas procuram lugares com areia e água morna para se reproduzirem. Por isso, adoram as praias do Nordeste.

Estela finalizou a palestra explicando que qualquer contribuição é bem-vinda, visto que a conservação das tartarugas marinhas precisa do apoio de cada um, nem que seja espalhando a mensagem em defesa do seu habitat natural, o mar. Foi aplaudida de pé. Amaro voltou para casa orgulhoso de ser filho de quem era.





O PRESENTE

Jânio era o único primo de Amaro; cinco anos mais velho, já ia fazer catorze anos. Por causa da diferença de idade, os dois nunca brincaram juntos. Bem que Amaro tentava se aproximar, mas Jânio não queria ser visto na companhia de um pirralho. “Jânio só quer ser adulto, mas é tão menino quanto eu”, pensava Amaro.

— Mãe, o que a senhora comprou para dar de presente para o Jânio?

— Um livro.

— Não é sobre tartaruga marinha, é?

— Não.

— Ainda bem, Jânio não gosta nem um pouco desse assunto. Ele disse que a gente é chato, só conversa sobre tartaruga marinha.

— Jânio está passando por uma fase complicada, Amaro, porque sua tia se separou de seu tio há pouco tempo. Quer saber qual foi o livro que eu comprei?

— Espero que não seja livro infantil porque o Jânio não quer mais ser criança.

— Comprei um que pode não ser apropriado para a idade dele, mas como não quer mais ser tratado como criança, vai ganhar “A forma da água”. Eu me apaixonei pelo filme.

— É sobre o quê?

— Sobre um ser que vive nas águas, um homem-peixe. É uma mistura de suspense e conto de fadas. Acho que ele vai gostar.





— Uau! Eu mesmo queria ler, mas sei que a senhora vai dizer que eu sou muito criança. Vou ter que esperar até fazer catorze anos para ler?

Estela ficou pensativa, não sabia que resposta dar ao filho.



O ANIVERSÁRIO DE JÂNIO

“Não há nada mais chato do que ser a única criança numa festa de adolescentes”, pensou Amaro. Não havia ninguém com quem pudesse conversar ou brincar; tinha que arrumar uma maneira de se entreter sozinho. Não podia jogar no celular, sua mãe disse que era rude fazer isso enquanto todos interagiam uns com os outros num evento. Havia algo que podia fazer sem irritar ninguém: criar músicas, passatempo que aprendera nas visitas ao projeto de preservação onde os pais trabalhavam.



Ficava na areia da praia, vendo as ondas quebrarem enquanto o vento soprava letras e melodias em sua cabeça, como a música da ondinha (*ondinha vai / ondinha vem / e você com nhenhém*), a da tartaruginha (*volta pro mar, lindinha / vai nadar de manhãzinha / lá nos mares do além / vai nadar, tartaruginha*), a da conchinha (*eu quis tomar um chá / numa concha do mar / a concha era conchinha / não dava pra tomar*), a do furo na carapaça (*por favor, tenha cuidado / quando o senhor for pescar / para esse anzol não furar / minha linda carapaça / tenha cuidado, seu Sassá*).

Naquela tarde, Amaro tentava compor uma música sobre uma tartaruga de cem anos.

— *A velha Uga / toda enrugada...* — O resto da letra não lhe vinha como quando estava à beira-mar, talvez porque os adolescentes amigos de Jânio riam e gritavam uns com os outros na quadra de vôlei e tiravam sua concentração.



“Estava enrugada, mas era animada, animada rima com enrugada, fica legal”, pensou. — *A velha Uga / toda enrugada / era animada...* — “Precisava pensar num motivo para ela estar animada. Ah, era porque estava...” não conseguiu concluir o raciocínio: sua mãe o interrompeu, chamou-o para ver o filminho que sua tia Carla havia feito em homenagem a Jânio.

O vídeo começava com Carla, barrigão de nove meses, falando emocionada, com *Clair de Lune*, composição de Debussy, tocando ao fundo:

— O Jânio vai chegar a qualquer momento! A doula já está aqui.

Uma voz, de alguém que não aparecia na tela, perguntava:

— E o que é uma doula, Carla? — Era a voz de Estela.

— É uma mulher que dá assistência à mulher grávida durante a gestação, no parto e depois do parto. A doula que está comigo se chama Vilma — Carla disse e apontou para uma mulher de meia idade, que foi filmada sorrindo, envergonhada. — Ela é maravilhosa! Quando você for ter o primeiro filho, vai querer a Vilma por perto.

A trilha incidental foi mudando à medida que os anos passavam até chegar num *rap* coreano que Jânio ouvia muito ultimamente. Amaro apareceu uma única vez, sentado no colo da mãe. Ao fim do filme, estava convencido de que não tinha importância na vida do primo. Então, disse ao pai que ficaria no jardim durante o resto da festa.

Ao contrário de Basílio, Estela não aceitava que Amaro se isolasse e foi ao jardim chamá-lo para cantar os parabéns.

— Eu só apareci uma vez. A tia Carla também não está nem aí para mim!

— Meu filho, Carla está com a cabeça cheia de problemas, só fez essa festinha para não passar em branco e para alegrar um pouco o Jânio. Deve ter feito o vídeo sem pensar muito em quantas vezes cada um aparecia. Seu pai também apareceu só uma vez! E ele está lá, na maior conversa com a Carla, nem se importou com isso, até a convidou para ir passar um fim de semana na praia com a gente.



Amaro concluiu que era verdade. Levantou-se do balanço e deu a mão à mãe. No entanto, quase não abriu a boca durante os parabéns. Na hora de ir embora, Jânio acenou de longe, ele não acenou de volta. No caminho para casa, perguntou à mãe:

— Essa Vilma do filme foi a doula quando eu nasci?

— Não, meu filho. Você não nasceu em casa, por isso não teve doula.

— Certo... Mãe, eu queria que a senhora fizesse um filme como o que a tia Carla fez para o Jânio no meu aniversário. Só quando eu fizer dez anos.

— Claro, a gente faz, sim!

— Mas eu quero que comece comigo dentro da sua barriga. Pode ser?

Estela não deu uma resposta de imediato, Basílio tentou mudar de assunto.

— Vou parar no posto para abastecer e comprar sorvete. Que sabor você quer, Amaro?

— Tem com sabor de verdade?

— Como assim, filho? Todo sorvete tem sabor de verdade.

— Eu quero um que tenha um sabor que faça vocês falarem a verdade. Vocês escondem alguma coisa de mim. Eu acho que sei o que é. Eu sou adotado! É por isso que não tem foto nem vídeo da senhora comigo na sua barriga. É porque vocês me adotaram e estão esperando que eu faça dez anos para me contarem.

— Você não é adotado, Amaro.

— E que história é essa que eu só posso saber quando tiver dez anos?

— Eu não posso lhe contar agora. Já lhe falei antes. Eu iria quebrar uma promessa. Agora, diga para seu pai qual é o sabor de sorvete que você quer.

Não adiantava, sua mãe era dura na queda. Não contaria nada antes do tempo.

— Pode ser de chocolate.





AURORA ENCANTADA

Estela deu um beijo no filho, apagou a luz do quarto, foi até a cozinha e encheu um copo com água, seu pequeno ritual antes de se recolher. Ter um copo d'água à noite na mesinha de cabeceira era um costume de muitos anos, mas ela raramente tomava um gole sequer. Naquela noite, no entanto, bebeu tudo. Estela colocou o copo sobre a mesinha e tentou, sem sucesso, encontrar uma posição para adormecer.

— Qual é o problema, querida?

— Amaro está cada vez mais curioso. Volta e meia me pergunta sobre o nascimento dele, eu fico ansiosa e ele percebe que tem alguma coisa estranha.

— Ele é maduro para a idade dele. Mais um ano e pouco e nós contamos a verdade.

— É muito tempo ainda, Basílio!

— E se, por causa dessa sua ansiedade, ele souber a verdade e desaparecer?

Estela se imaginou, por alguns instantes, sem o filho por perto e ficou com um nó na garganta.

— Não quero nem pensar nessa possibilidade.

— Então vamos deixar o tempo passar, é só o que podemos fazer agora — disse Basílio, dando um beijo na testa da esposa e virando-se para dormir.

— Você tem razão, até hoje nós não mentimos para ele, só omitimos os fatos. Tenho que controlar minha ansiedade.

— Pense em coisas boas que você adormece. Pense na bênção que recebemos naquela aurora.

Estela fechou os olhos e o que aconteceu naquela madrugada, nove anos antes, passou em sua mente como um filme. Ela e Basílio adormeceram no buggy na Praia Amarela, a caminho da capital. Pouco antes do raiar do dia, ela sonhou com uma tartaruga gigante, luminosa, saindo das águas.

— Quem é você?

— Pode me chamar de Uga. Diga-me, quem você ama nessa vida?

— Amo meu marido, minha irmã, meu sobrinho Jânio, meus pais, que já se foram, meus colegas e as pessoas da comunidade da Praia das Velhas. E amo as tartarugas que ajudei a salvar.



— E se eu disser que as tartarugas também amam você e lhe têm uma enorme gratidão, tanto a você quanto a seu marido, você acredita?

— Acredito.

— Muito bem! Falo em nome de todas as espécies de tartarugas marinhas que já viveram nesse mundo e das que ainda nascerão. Queremos lhe pedir um favor.

— Um favor?

— Sim, confiamos em você. Em você e em Basílio.

— Estou à sua disposição.

— Perfeito! Preste bastante atenção: continue de olhos fechados, deitada, e só se mexa quando eu der o sinal.

Estela atendeu o pedido de Uga. Assim que o Sol raiou, uma tartaruguinha com um furo na carapaça saiu das águas e veio se arrastando devagar, desajeitada, pela areia fofa em direção ao *buggy*.

— Pronto! Pode abrir os olhos.

Estela viu a pequerrucha e abriu um sorriso.

— É a tartaruguinha que eu salvei ontem!

— Ela tem uma missão a cumprir, mas não teria chance de sobreviver no mar agora. Você aceitaria a responsabilidade de cuidar dela?

IDA AO MANGUE

Amaro adorava a companhia de Tobias, funcionário do projeto de conservação de tartarugas marinhas; tinha-o como pessoa da família, um irmão mais velho, embora Tobias tivesse idade de ser seu pai. Ao contrário de seu primo Jânio, que o desprezava, Tobias considerava muito o menino e o ajudava em suas empreitadas e artimanhas.

— Tobias, amanhã você está de folga?

— Sim.

— Amanhã cedinho, vamos comigo lá no mangue pegar uns caranguejos? Papai e mamãe não gostam que eu vá ao mangue sozinho. — Amaro explicou que o pai sairia ao amanhecer para a área de preservação e a mãe estaria ocupada, escrevendo um artigo para uma revista.

Na manhã seguinte, Amaro tomou um copo de leite, comeu um pedaço de bolo de milho e foi se encontrar com Tobias.

— E essa novidade agora de pegar caranguejo?
— perguntou Tobias no caminho.

— Tia Carla e Jânio vêm passar o fim de semana aqui. Eles adoram caranguejo.

— Por que você não pediu a seu pai para comprar dos catadores?

— É que me deu vontade de ir fazer uma coisa de menino da minha idade. Estou cansado de ser tratado como criancinha. Meu pai e minha mãe me tratam como se eu tivesse cinco anos.

— Eles lhe tratam como um menino da sua idade e se preocupam com sua segurança. Na verdade, acho que lhe dão mais liberdade do que eu lhe daria se você fosse meu filho. Vou dar um exemplo: você entra no mar, se afasta da beira da praia e seus pais nem ligam.

— Eles confiam em mim. Nunca fui bom de corrida, não sou muito habilidoso para jogar bola, mas na água eu me garanto. Nado no mar desde pequeno e tenho muito fôlego.

— Realmente você nada bem, mas, se eu fosse seu pai, não o deixaria sozinho na água.

— Deus me livre de não poder nadar sozinho, ainda bem que você não é meu pai — disse Amaro, em tom jocoso, para, logo em seguida, falar num tom sério. — Nesse ponto você tem razão, papai e mamãe não pegam no meu pé, mas escondem alguma coisa de mim.

— Você acha?

— Sim, acho que tem a ver com o meu nascimento. Você estava aqui quando eu nasci?

— Estava. Foi numa noite de desova especial. Ficamos até emocionados porque ajudamos uma tartaruguinha que tinha um furo na carapaça a entrar no mar.

— Furo na carapaça?

— Sim. Tem gente que nasce com um sinal, como o que eu tenho na perna, ou uma marca, como a que você tem nas costas, que parece uma marquinha de vacina. A tartaruguinha nasceu com um furo na carapaça, coisa da natureza.

— Eu nem me toco que tenho essa marca, só quando alguém me lembra. Ela é funda, cabe a ponta do meu dedo mindinho.

— Isso lá é fundura, Amaro! Quer que eu termine a história ou não?

— Claro!

— Você nasceu na Praia Amarela. Era muito fraquinho, ninguém pôde lhe ver por uma semana. Não diga a seus pais que lhe contei essa história, eles podem ficar chateados comigo.

— Não se preocupe, vou guardar segredo.

No mangue, enquanto pegavam caranguejos, Amaro cantou a música da tartaruginha:

— *Volta pro mar, lindinha / vai nadar de manhãzinha / lá nos mares do além / vai nadar, tartaruginha...*

Os dois retornaram para casa antes do meio-dia. Estela ralhou com o filho quando o viu chegar em casa com os caranguejos, mas logo abriu um sorriso e foi preparar uma caranguejada para o jantar. Carla e Jânio iriam adorar a surpresa.

Amaro sugeriu que fizessem um passeio de barco com Carla e Jânio na manhã seguinte. Basílio disse que era uma ótima ideia, mas ele não poderia ir ao passeio, pois precisava investigar um problema na bomba d'água.

Carla e Jânio chegaram no fim da tarde. A irmã de Estela estava animada com o fim de semana longe da capital, mas seu sobrinho mostrava-se aborrecido. Quando o jantar foi servido, melhorou de humor, porque adorava frutos do mar. Estela fez questão de comentar que Amaro havia ido ao mangue pegar os caranguejos.

— Amaro?! — perguntou Jânio, surpreso. Amaro riu-se por dentro.

Antes de dormir, satisfeito por ter impressionado o primo no jantar, criou uma musiquinha com caranguejos:

— *Eu vejo um caranguejo / um caranguejo
eu vejo / vai pra panela cozinhar? / ou quer
voltar pro mar? / larga de ser tagarela / é lá
na Praia Amarela / que eu vou te libertar.*





PASSEIO DE TRAINEIRA

Amaro, Estela, Carla e Jânio subiram na traineira às nove da manhã. O velho barco com capacidade para dez pessoas pertencia ao pai de Tobias, um dos mais antigos pescadores da comunidade da Praia das Velhas. Naque-la época do ano, quando diversas espécies entram no período de defeso, a embarcação era cedida ao projeto de conservação das tartarugas marinhas. Tobias seria o piloto, Amaro, seu imediato.

— Pode puxar a corda, Amaro — disse Tobias, e Amaro prosseguiu com destreza, para surpresa de Jânio.

— Uau, você entende desse negócio de barco!

— Amaro tem muita identificação com tudo que tem a ver com o mar — disse Estela.

Não havia nuvens no céu, era um dia perfeito para um passeio pela costa. Amaro sentia-se orgulhoso por ser o segundo homem a bordo. Estela estava satisfeita

por proporcionar à irmã e ao sobrinho um lazer diferente, longe da cidade grande; trouxe, também, um farnel para um piquenique em alto-mar. Carla respirava livre, com um semblante plácido. Jânio via a mãe tranquila e agora se sentia contente por estar ali, aproveitando um momento em família. Olhando para o primo ajudando Tobias, comportando-se como gente grande, concluiu que Amaro não era tão pirralho, já que sabia de coisas das quais ele não tinha a menor ideia.

Cerca de cinco quilômetros mar adentro, o barco chegou a uma área onde a corrente era mais forte e começou balançar. Estela e Carla pediram a Jânio para se afastar da proa, mas ele parecia se divertir com as subidas e descidas por entre as ondas e não deu ouvidos às duas.

— Não se preocupem, eu tenho cuid... — antes que terminasse de pronunciar a palavra “cuidado”, uma onda forte jogou-o para fora da traineira.

— Meu Deus!!! — gritou Carla.

— Amaro, jogue a corda, rápido! — gritou Estela.

Amaro jogou a corda, mas as ondas carregavam Jânio rapidamente para mais longe do barco. Sem pensar duas

vezes, Amaro pulou no mar e imergiu. Estela se mostrou apreensiva, mas bem mais contida que Carla e Tobias, que estavam desesperados.

Tobias preparou-se para pular, mas Estela o impediu.

— Amaro vai dar conta disso sozinho.

— Ele sumiu, dona Estela.

— Ele nada bem debaixo d'água. Tem mais fôlego do que você possa imaginar, Tobias.

Debaixo d'água, Amaro nadava com desenvoltura, suas pernas e braços mais pareciam nadadeiras. Logo chegou aonde Jânio estava e subiu à superfície.

— Tenha calma, se agarre na minha cintura que eu levo você de volta.

Mais tarde, já em terra firme, Jânio perguntou ao primo como ele fez aquilo.

— Não tenho a menor ideia, fui no fluxo.

— Foi irado! Taí, ganhou meu respeito!

Na hora de voltar para a capital, Jânio deu um forte abraço em Amaro.

— Obrigado, primo! Valeu mesmo!



TURISTAS DESCUIDADOS

Estela e Basílio cantaram parabéns para o filho no café da manhã. Amaro soprou a velinha em formato de número nove sobre o bolo de chocolate.

— Fez um pedido? — perguntou Estela.

— Fiz. Posso dizer qual foi?

— Não, meu filho, a gente não pode revelar o pedido, senão ele não se realiza.

— Para ele se realizar, depende da senhora. — Estela abriu um sorriso sem graça. — Então posso lhe pedir algo que não tem nada a ver com o que a senhora vai me contar ano que vem?

— Pode. Se estiver ao meu alcance, eu atendo seu pedido.

— O que aconteceu na Praia Amarela na noite em que eu nasci?

Estela ficou atônita, não sabia o que responder. As palavras que Uga lhe disse naquela aurora, nove anos antes, martelavam em sua cabeça.

— *Ela tem uma missão a cumprir, mas não teria chance de sobreviver no mar agora. Você aceitaria a responsabilidade de cuidar dela por dez anos?*

— *Claro, cuidado dela até por mais tempo, se preciso for.*

— *Muito obrigado. Agora se levante, acorde seu marido, pegue a tartaruginha com cuidado e leve para casa. Não deixe que ninguém a veja, fiquem trancados por uma semana, não abram a porta para ninguém. E, nos próximos dez anos, nem você nem seu marido podem revelar o que vai acontecer essa semana. Entendeu tudo direitinho?*

— *Entendi.*

— *Não esqueça. Dez anos.*

Estela levou a mão aos olhos e tentou esconder o choro. Basílio interveio:

— Amaro, por que você insiste em fazer perguntas que não podemos responder?

— Pai, por que vocês não me contam tudo de uma vez e param de mentir?

— Nós nunca mentimos para você, Amaro. Mas omitimos e vamos continuar omitindo até o dia em que você possa saber a verdade.

— Que verdade, pai? Se eu souber a verdade agora eu vou morrer? Eu tenho uma doença, é isso? Eu sou um E.T.?

— Não, meu filho, você não é um E.T. Você é...



— Não fale, Basílio! — interrompeu Estela. — A gente não pode lhe falar agora, meu filho. Para sua segurança, você não pode saber de nada agora.

— Pai, mãe, eu já sei que sou prematuro. Por que vocês guardaram isso como se fosse um segredo que não pode ser revelado? Tanta criança nasce prematura. Não precisam falar os detalhes. Só quero saber se é isso mesmo e não pergunto mais nada até ano que vem.

Estela e Basílio se entreolharam. Não queriam mentir, mas não podiam dizer a verdade. O silêncio foi a melhor resposta.



Os dias que se seguiram foram tensos. Era temporada de desova, os ovos das tartaruginhas não tardariam a eclodir. Amaro andava triste desde o seu aniversário, parecia ter perdido o interesse pelo nascimento das tartaruginhas.

Uma tarde, enquanto a comunidade estava reunida com o pessoal do projeto discutindo um esquema de vigilância para as semanas seguintes, chegou um ônibus apinhado de gente. Vinham dispostos a fazer um piquenique, seguido de um luau. Faziam uma algazarra, não prestavam atenção aos ninhos de tartarugas espalhados pela praia. Amaro foi ao encontro dos forasteiros, pediu para terem cuidado, mas não lhe deram ouvidos. O menino correu para falar com os pais, mas escorregou e torceu o pé. Tarde demais. Os turistas pisaram em ovos que estavam prestes a eclodir. Morreram muitas tartaruginhas em estágio final de formação. Estela, Basílio, Tobias e todos os habitantes da Praia das Velhas ficaram desolados. Amaro ficou revoltado por não ter conseguido impedir o desastre e pediu perdão aos pais por não ter sido ágil o suficiente. No mar, era veloz, mas, em terra, sempre fora desajeitado.



A DESCOBERTA DA PLENITUDE

Depois do infeliz incidente com os ovos pisados pelos turistas, Amaro passou a sentir uma conexão ainda maior com as tartarugas marinhas. Sempre as amou, mas algo mais forte aflorou dentro dele. Passou a se envolver mais no projeto, a dar opiniões, às vezes discordantes das dos pais, e passou a ser respeitado pela sensibilidade aguçada no trato com as tartaruguinhas doentes e por dar boas ideias a veterinários e voluntários. Parecia um especialista.

Começou a sair à noite, escondido dos pais, para nadar no mar. Não tinha medo de se afogar. Nadava até a linha do horizonte, mergulhava e encontrava tartarugas, nadava com elas, sentia-se completamente à vontade imerso nas águas por vinte, trinta minutos. Retornava para casa, pulava a janela do seu quarto e adormecia,

pleno de felicidade. Já não se importava com o segredo que os pais escondiam dele. Tinha agora o seu próprio segredo.

O ano passou sem que perguntasse a Estela e Basílio como nasceu. Sua intuição lhe revelou quem ele era de verdade e que missão tinha no mundo.

Chegou nova temporada de desova e a comunidade da Praia das Velhas estava mais uma vez vigilante. Havia uma grande placa na entrada da vila avisando que aquela era uma área de preservação ambiental. Sinais indicavam a presença de ovos de tartarugas por toda a extensão da faixa de areia. Um ônibus lotado de banhistas barulhentos precisou dar meia-volta: o motorista foi alertado de que, naquela época, a praia estava fechada para o turismo.

No dia em que Amaro completou dez anos, Basílio e Estela pediram emprestada a traineira do pai de Tobias e levaram o filho para navegar à tardinha. Ancoraram a embarcação em alto-mar, era lá que Estela queria contar ao filho todos os detalhes daquela aurora encantada quando a tartaruguinha com um furo na carapaça começou a virar gente.

— Filho, chegou a hora de lhe contar...

— Não precisa, mãe!

Amaro aproximou-se de Estela, abraçou-lhe e deu-lhe um beijo carinhoso na testa, depois deu um abraço forte no pai e caminhou até a proa.

— Pai, mãe, muito obrigado por tudo o que vocês têm feito por nós. Não se preocupem comigo, o mar é o meu lugar no mundo. Expliquem tudo ao Tobias e ao pessoal da vila, digam que eu vou ficar bem. Daqui a uns dois meses, depois de conduzir a última tartaruguinha recém-nascida para um local seguro, volto para casa.

Dito isto, pulou no mar.





Cupertino Freitas

Nasci em 1965, em Limoeiro do Norte, no Ceará, e resido em Fortaleza há muitos anos. Após longa carreira como consultor de TI, passei a me dedicar à literatura, paixão que carrego desde criança, quando me encantei pelo universo ficcional de Graciliano Ramos. Já publiquei alguns livros e participei de várias coletâneas de contos e poesia. *O furo na carapaça* é minha primeira incursão na literatura infantojuvenil, uma obra em que falo de forma lúdica e prazerosa sobre a preservação das tartarugas marinhas. Estou no Instagram como @cupertinofreitas e meu e-mail é josecdefreitasjr@yahoo.com.



Rafael Limaverde

Nasci em Belém, no Pará, naturalizado cearense, e me formei em Artes Visuais pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). Sou ilustrador, xilogravurista, artista visual, diretor e curador. Ilustrei mais de 40 livros em diversas editoras do país. Sou um dos organizadores do “Festival de Ilustração de Fortaleza”. Quem quiser conhecer mais do meu trabalho, pode me encontrar no www.facebook.com/ilustrasrafael.



PAIC
ROSA
OESIA
COLEÇÃO

O **Governo do Estado do Ceará**, por meio da Secretaria da Educação, em cooperação com seus **184 municípios**, objetivando garantir o direito de acesso ao livro e à leitura literária, publica e distribui às turmas da **Educação Infantil** e do **Ensino Fundamental** a coleção **(PAIC, PROSA E POESIA)**. Essa iniciativa reúne textos de autores cearenses selecionados mediante edital público, com o propósito de incentivar a manutenção e o fortalecimento da cultura e da identidade cearense.

Cupertino Freitas narra a história de uma família amante do meio ambiente, do mar e da vida marinha. A família ganha um presente que fortalece para sempre a relação entre a vida humana e a vida marinha. Quem ler esse conto fantástico vai-se emocionar e ampliar seu amor à vida.

ISBN 978-85-8171-374-8



9 788581 713748

VENDA PROIBIDA